

**A SUBMISSÃO E O SILENCIAMENTO DA MULHER REPRESENTADA NO
CONTO “MISS JAQUELINE”, DE LIVIA GARCIA-ROZA**

**SUBMISSION AND THE SILENCING OF WOMAN REPRESENTED IN THE
SHORT STORY “MISS JAQUELINE, OF LIVIA GARCIA-ROZA**

Daniella Lima da Costa Teodoro

Universidade Federal do Tocantins

Resumo: O pequeno conto “Miss Jaqueline” de Livia Garcia-Roza, que compõe a coletânea *Restou o cão*, apresenta no peculiar formato de apenas diálogos, a rotina de uma mulher submissa que vive sob o jugo do marido, o qual não perde oportunidades de humilhá-la. Mesmo sem a voz de um narrador, o leitor pode inferir a rotina do casal e até de alguns acontecimentos passados, com base apenas nos diálogos da narrativa. Considerando essa premissa, o presente trabalho tem como proposta analisar a condição da mulher contemporânea, representada pela personagem Jaqueline, a violência simbólica/psicológica e o conseqüente silenciamento feminino, pois estas são temáticas recorrentes no conto proposto para análise. Além disso, iremos considerar as características narrativas adotadas pela autora. Como suporte para as análises realizadas será usado o texto *Pode o subalterno falar?*, de G. C. Spivak e *Tendências e impasses: O feminismo como crítica da Cultura*, de H. B. Hollanda.

Palavras-chaves: Literatura de autoria feminina; representação feminina; Literatura Brasileira; gênero.

Abstract: The short story “Miss Jaqueline” by Livia Garcia-Roza, which makes up the collection *Restou o dog*, presents in the peculiar format of only dialogues, the routine of a submissive woman who lives under the yoke of her husband, who does not miss opportunities to humiliate her. -there. Even without the voice of a narrator, the reader can infer the couple's routine and even some past events, based only on the narrative's dialogues. Based on this premise, the present work proposes to analyze the condition of contemporary women, represented by the character Jaqueline, the symbolic/psychological violence and the consequent female silencing, as these are recurring themes in the short story proposed for analysis. In addition, we will consider the narrative characteristics adopted by the author. As support for the analyzes carried out, the *text Pode o subalterno falar?* by G. C. Spivak and *Tendências e impasses: o feminismo como crítica da Cultura*, by H. B. Hollanda.

Keywords: Female authors of literature; female representation; Brazilian literature; genre.

Recebido em 15 de maio de 2023.

Aprovado em 15 de dezembro de 2023.

Introdução

A literatura de autoria feminina foi por muito tempo negligenciada. As mulheres não tinham voz nas artes, por mais que estivessem presentes, seja como personagens, ou como leitoras e apreciadoras. Desta maneira, a representação feminina não se dava de modo muito verossímil e, em alguns momentos, era usada como forma de doutrinação, um modelo de como a mulher deveria ser (WOOLF, 2014). Apenas com o passar dos anos e transpondo as dificuldades, as mulheres foram conquistando espaço e voz. Contudo, é necessário salientar que esse processo está ainda em construção.

Nesse contexto, nos deparamos com Livia Garcia-Roza, uma escritora fluminense, psicanalista, que começou a publicar em 1995, e não parou desde então. Em suas obras, Livia usualmente dá voz a mulheres possíveis, com narrativas em primeira pessoa e explorando o ambiente familiar e suas problemáticas. A escritora não tem por costume usar uma narrativa rebuscada, muito pelo contrário. Ela recorre a uma linguagem natural, simples, contudo elegante, por vezes abordando temas polêmicos, como o prazer sexual feminino, o amor na maturidade, a solidão e a violência psicológica, esta última sendo o assunto central no conto “Miss Jaqueline, escolhido para análise neste trabalho.

Assim, o conto selecionado “Miss Jaqueline”, mesmo em sua brevidade, surpreende o leitor por sua intensidade, pela ausência de um narrador e, ainda, pelo enredo. Trata-se da rotina de um casal em que o marido, Jarbas, é professor particular, e a esposa, Jaqueline, uma mulher jovem e submissa que cuida do marido e de todas as suas necessidades. O texto se apresenta com diálogos, a voz de Jarbas é predominante e autoritária, sendo ele usualmente rude, e até agressivo com a esposa que deve estar sempre pronta para atendê-lo.

O papel que o patriarcado destinou às mulheres é algo que muitas não conseguem desvencilhar, por inúmeras razões. Afinal, o sistema direcionado por homens ao longo dos tempos, sempre cerceou direitos e silenciou mulheres (SHOWALTER, 1994). Desta forma, é natural que ao conquistar espaço para escrever, a mulher busque mais do que apenas tirar a mordaca imposta e adquirir voz, como também o autoconhecimento, pois por tanto tempo sendo representada por homens, é necessário descobrir a própria identidade real, e não apenas seguir os moldes estabelecidos pelo patriarcado.

A literatura faz-se importante nesse contexto pois, é comumente usada para o autoconhecimento. Em “Miss Jaqueline”, Garcia-Roza surpreende o leitor pois é característico nas obras da escritora narradores em primeira pessoa, digressivos, que fazem uso da narrativa para refletir a própria existência. Todavia, quando nos deparamos com a ausência de um narrador, percebe-se que, na verdade, a protagonista Jaqueline cala-se e não narra a própria história; e assim, a autora expõe o leitor a uma realidade muito comum. O silenciamento e, por consequência, a violência psicológica contra a mulher. Temáticas que precisam ser problematizadas e estudadas, pois é uma necessidade de cada indivíduo, a liberdade não apenas física, mas ideológica também.

Portanto, este trabalho tem como objetivo analisar a condição da mulher contemporânea, a violência simbólica e o consequente, silenciamento feminino, considerando também as características literárias do conto “Miss Jaqueline”, de Livia Garcia-Roza.

1. Miss Jaqueline e o silenciamento

O conto, “Miss Jaqueline”, de Livia Garcia-Roza integra o livro *Restou o cão*, e é um texto bem curto. A história chama a atenção pelo fato que não há narrador, apenas as falas dos personagens. Jaqueline é uma jovem senhora casada com Jarbas, um professor que dá aulas particulares em sua residência. A relação do casal já dura doze anos e eles têm uma filha juntos, até onde o leitor pode deduzir. Jaqueline, que é originalmente de uma cidade do interior, foi Miss nos tempos de juventude e depois de casada com Jarbas, o qual possuía o dobro de sua idade, passou a administrar a casa e a contabilidade das aulas particulares.

Todas essas informações são apenas inferências dos diálogos protagonizados pelos dois personagens centrais. O conto inicia com a voz imperativa de Jarbas dando ordens à Jaqueline:

- Abre a porta aí, Jaqueline, não está ouvindo o pessoal chegar? Vai, deixa de moleza. Leva uma eternidade para ir de um canto para outro. Agora sai da frente, deixa eles passarem. Vai buscar o café. Não esquece a água. Anda, Jaqueline! Mulher mole, rapaz... (GARCIA-ROZA, 2005, p. 75)

A fala já é iniciada com autoridade, voz de comando. E por todo o trecho, várias ordens são direcionadas à Jaqueline. No fragmento acima, o leitor pode pensar que a Jaqueline se trata de uma funcionária doméstica da casa, até mesmo pelo teor das ordens: “Abre a porta [...] Vai buscar o café [...]” (2005, p.75). Somente adiante que percebemos

tratar-se de um diálogo marido-mulher, e não patrão-empregada: “Que “tá aqui”, Jaqueline... Está aqui. Mulher do professor e falando desse jeito...” (2005, p. 76). Contudo, mesmo ao mencionar a relação conjugal, há uma voz imperativa na fala de Jarbas, afinal ele está repreendendo o modo simplório de falar de sua esposa. Além de usar uma expressão que simboliza posse. Em nenhum momento, durante o conto, Jarbas usa alguma expressão afetuosa ao dirigir-se à esposa. Ele sempre usa as palavras para demarcar que está no poder.

Por toda narrativa Jarbas tem longas falas, em que muitas vezes recrimina, chama a atenção de Jaqueline, e ela apenas o responde. Jaqueline está prontamente atenta para servi-lo e o marido sempre exige um serviço melhor, nunca elogiando o que a esposa faz. Mesmo sem um narrador para intermediar a história é possível perceber o modo de vida desse núcleo familiar, em que o marido é o senhor da casa, e a mulher é totalmente submissa e dependente dele. Tudo na casa gira em torno do marido, que deve ser devidamente respeitado. E essa ambientação de repressão e submissão é mantida até o final do conto.

Júlio Cortázar, afirma que o conto é um:

[...] gênero de tão difícil definição, tão esquivo nos seus múltiplos e antagônicos aspectos, e, em última análise, tão secreto e voltado para si mesmo, caracol da linguagem, irmão misterioso da poesia em outra dimensão do tempo literário. (CORTÁZAR, 1993, p. 149)

Ainda segundo Cortázar, o “bom conto tem a atmosfera peculiar e a qualidade de obra de arte” (CORTÁZAR, 1993, p. 149). O contista não tem tempo e espaço como aliados para detalhes e floreios. É preciso chegar ao ponto exato, e mostrar o que é necessário. Contar a história de modo quase que abrupto e de maneira a surpreender o leitor. O conto não pode ter apenas um clímax em toda a narrativa. Deve ser intenso do início ao fim. Em outras palavras, o conto é uma transmissão de interesse, emoção, espanto e entusiasmo, tudo junto e ao mesmo tempo.

Todas essas características que Cortázar (1993) define como importantes para o gênero conto são contempladas em “Miss Jaqueline”. No conto de Garcia-Roza, o leitor se depara com uma história com tempo e espaço limitados. O tempo é presente, por mais que tenha algumas referências breves do passado; e o espaço é doméstico, toda a narrativa acontece na casa da família. Por conter apenas os diálogos dos personagens, não há espaço para digressões psicológicas, ainda que nas falas, esteja presente referências de acontecimentos do passado que possam deixar lacunas na interpretação. As falas vão

direto ao ponto e geram no leitor uma tensão e expectativa em descobrir os acontecimentos.

Outro ponto a ser observado na narrativa é a perspectiva e o lugar de fala da mulher. Quando lhe é permitido, a mulher possui um modo próprio de escrita. Após muitos anos de silenciamento, as mulheres tiveram que descobrir uma maneira de ter voz. Por muito tempo as artistas foram deslocadas, deserdadas e excluídas do contexto social, e no sentido que estamos discutindo, da literatura (SHOWALTER, 1994, p. 41). A representação feminina na literatura ao longo da história ficou a cargo de homens, que não faziam um trabalho exatamente justo. A partir do século XIX algumas mulheres iniciaram um processo ainda tímido de busca por autonomia. No conto analisado, o silenciamento da personagem representa a mulher sem voz seja no privado, ou no público.

Ora, o conto “Miss Jaqueline” leva em seu título o nome da protagonista, se podemos chamá-la assim, mas ela não conta sua própria história, a voz predominante é do Jarbas, que está sempre dando ordens à esposa. Isso nos leva a entender que na verdade, este conto é uma narrativa em primeira pessoa, que deveria ser narrado pela Jaqueline. Todavia, ela perdeu a voz há tanto tempo que não sabe mais como compartilhar sua própria história.

Nesse sentido, vamos ao encontro das ideias de Elaine Showalter (1994), que, de maneira significativa e resumida diz que a escrita feminina vem evoluindo de modo progressivo em busca da autonomia, da representação fidedigna e sem estereótipos masculinos. Showalter (1994) afirma que talvez as mulheres nunca alcancem a terra prometida, a qual era defendida pelas feministas do passado, como o local em que não haveria discussões de gênero, pois isso seria irrelevante. Mas, as mulheres estão aos poucos buscando ter voz. E se a personagem de Garcia-Roza não consegue, ainda, ter voz, seu silêncio já é bastante representativo e cheio de significados, podendo nos dizer muito mais e ser até gritante.

Destarte, podemos observar que a submissão de Jaqueline diante do marido, Jarbas, e sua dificuldade em narrar sua própria história, se dá em razão do aprisionamento em que vive e que a impossibilita de buscar novos caminhos e oportunidades para sua própria vida. Ao mesmo tempo, como uma relação de poder só pode ser unilateral, Jarbas, tem a necessidade de subjugar a esposa para se reafirmar enquanto sujeito dominador e detentor do controle. Situação que se mantém até o final do conto.

2. A mulher subalterna/subjugada

A mulher ao longo da História, ocupou uma posição de inferioridade, de subserviência em relação ao homem. Ser mulher durante muito tempo significou estar sob a autoridade de um homem: pai, irmão ou marido (COSTA, 2013). A mulher era educada para servir, para ser sempre maternal, para abdicar de suas próprias vontades e de seus sonhos pelo bem da família. Pensar nessa situação em uma perspectiva de passado, na verdade pode ser fantasiosa. De fato, essa realidade ainda está no processo de transformação.

No século XX Virgínia Woolf (2014), acreditava que como as mulheres de sua época haviam conseguido importantes mudanças em relação ao século anterior, nos próximos cem anos a realidade feminina, provavelmente, seria totalmente diferente e as mulheres não teriam, entre outras coisas, que ficarem testificando o tempo todo para a sociedade seu valor literário, a fim de serem publicadas e lidas. Sabemos hoje que isso não aconteceu. Muitos avanços ainda se fazem necessários e ainda temos um número maior de homens no mercado editorial. Infelizmente, a profecia de Woolf não se concretizou, pois, ainda há uma cobrança maior que pesa sobre as mulheres, para que cuidem da casa, dos filhos, do marido; para que se caleem em situações que na verdade deveriam gritar. E dessa forma, muitas mulheres continuam sem escrever e sem expressar-se na literatura.

Em corroboração a isso, Spivak (2014) fala sobre o perigo do agenciamento da fala, ou da “re-presentation”, o termo que ela usa. O homem enquanto sujeito dominante não tem como falar pela mulher e contemplar todas as dificuldades pelas quais elas passam, sem questionar sua própria posição de sujeito dominador. Então, como a mulher poderá conseguir ter voz? Aos poucos as mulheres podem e têm conquistado seu espaço, ainda que a passos bem lentos, e tem falado de si mesma em uma nova perspectiva. Essa nova visão é a de quem realmente vivencia o que está sendo posto no papel.

Livia Garcia-Roza é um exemplo de escritora que vem conquistando aos poucos seu espaço na literatura brasileira. Segundo Leal (2010) e Costa (2013), Garcia-Roza em suas obras, de modo geral, sempre coloca à baila o contexto familiar dos personagens, sobretudo de mulheres, as quais costumam protagonizar as narrativas da escritora

fluminense. Suas obras, geralmente são narradas em primeira pessoa, dando assim, voz às mulheres. Algumas destas silenciadas há muito tempo. Outra característica comum nas obras de Garcia-Roza é a narrativa fragmentada e cheia de digressões. As interrupções na narrativa muitas vezes pegam o leitor desprevenido, que espera por respostas que jamais são dadas.

Com esse cenário, Livia acaba por renovar suas próprias características em “Miss Jaqueline”, pois ela vai na contramão do que já seria esperado, mesmo que o efeito no leitor possa ser semelhante. No conto, não há a presença de um narrador óbvio para intermediar a narrativa, portanto, o leitor deve se contentar com as falas dos personagens, que às vezes menciona acontecimentos, mas não os explica. Isto é, pode não haver as digressões que são produzidas por um narrador, mas ao mesmo tempo, provoca no leitor o anseio por mais respostas. Além disso, o contexto é familiar. O conto é sobre o relacionamento familiar de Jaqueline e Jarbas, o qual pode não ser tão amoroso assim. Sobretudo, é uma narrativa sobre Jaqueline. Por mais que a personagem esteja silenciada, é possível perceber sua angústia muda.

No conto, Jaqueline, a protagonista, é uma dona de casa que tem a função de servir ao marido o tempo todo. Jarbas, o marido, mantém um tom de voz autoritário, cheio de comandos por toda a história. Além disso, ela é constantemente ridicularizada e humilhada. Ela possui as obrigações mais triviais, como arrumar os sapatos do marido e servir um remédio para ele: “- Jaqueline! Onde está a aspirina? [...] / - Vou buscar. / [...] / - Você não pediu para eu arrumar seus sapatos?” (2005, p. 77). Jaqueline é tratada como alguém disponível para servir e como objeto de posse.

Não há dúvidas quanto à posição de subalterna de Jaqueline. O conto deixa bem claro que o papel dela é servir ao esposo. Spivak (2014) afirma que “[a] mulher se encontra duplamente na obscuridade” (p.90), e ainda que, “a relação entre sujeito imperialista e o sujeito do imperialismo é, no mínimo, ambígua” (p. 122). Claro que o contexto em que Spivak falou isso é totalmente diferente, contudo, esse discurso pode ser perfeitamente aplicado na realidade do conto, afinal, Jarbas deixa claro a convicção de ter proporcionado uma vida melhor para Jaqueline: “[...] ninguém tem orgulho de ser pobre! [...] quais são os seus planos, o que se passa na cabeça da ex-Miss Jaqueline. Que trouxe do interior unicamente o vento que pegou na estrada.” (2005, p. 78)

Entretanto, o fato de morar em uma cidade maior, em uma casa confortável, com funcionária para auxiliar nos cuidados domésticos, ter dinheiro e um marido bem instruído, não são sinônimos de uma vida melhor. No caso de Jaqueline, é bem o contrário. O que sabemos de sua vida passada é apenas que foi Miss e morava em uma cidade pequena. Porém, é perceptível para o leitor a tristeza silenciosa que a personagem carrega consigo. Ela agora tem mais que apenas o vento que pegou na estrada, mas não tem liberdade. Vive o julgo do marido.

Jaqueline não é apenas subalterna em relação ao marido. Ela é subjugada diariamente e sofre o que é chamado de violência psicológica, como podemos observar abaixo os vários exemplos presentes do texto (GARCIA-ROZA, 2005):

“Anda Jaqueline! Mulher mole, rapaz...” (p. 75)

“Por que essa cara de retardada? Está imitando sua mãe?” (p. 75)

“Já avisei, mulher grande quando engorda vira carro alegórico.” (p. 76)

“Sai, Jaqueline.” (p. 76)

“Não sabe fazer nada sozinha?” (p. 77)

“[...] Chega, Jaqueline, estou com fome.” (p. 78)

“[...] Você sabe que sem *denarius* [...] não se dá um pio, um passo, um resmungo... nada! [...] Tremendo, cagoninha?” (p. 78)

Nas falas de Jarbas selecionadas é possível observar que de fato a personagem Jaqueline é o tempo todo bombardeada com palavras ofensivas, violentada psicologicamente pelo marido. A voz imperativa, as piadas ridicularizando a moça, difamando suas origens familiares e geográficas são sinais do abuso. Além disso, no final do conto há indício de que as violências não são apenas psicológicas: “Larga o meu braço, Jarbas. Está doendo” (p. 78). Essa situação acontece logo após Jaqueline dizer que vai embora e Jarbas perguntar a ela com que dinheiro. Depois do episódio a filha do casal chega e Jaqueline desconversa, deixando aberto ao leitor que ela não vai de fato embora.

A dependência financeira faz com que muitas mulheres submetam-se a situações de abuso. Virgínia Woolf (2014) já dizia que uma mulher necessita de dinheiro e “um teto todo seu para que um dia possa escrever um livro melhor” (p. 134). Poderíamos dizer que até mais que isso, a mulher precisa de condições financeiras para ter autonomia sobre a própria vida.

Jaqueline é abusada psicologicamente e depende do marido. Essa dependência torna cada vez mais difícil a possibilidade de sair desse ciclo vicioso. Aqui vemos uma situação em que é muito difícil o sujeito subalterno ter voz. Afinal, não basta decidir

posicionar-se, pois as circunstâncias são frequentemente desfavoráveis. Quando a protagonista resolveu ter um posicionamento, não teve condições de se expressar: não narrou sua história, nem saiu do aprisionamento.

Spivak (2014) afirma que “o subalterno como um sujeito feminino não pode ser ouvido ou lido” (p. 163), e também, que “a mulher intelectual como uma intelectual tem uma tarefa circunscrita que ela não pode rejeitar com um floreio” (p. 165). Isto é, mesmo quando foi oportunizado à Jaqueline contar a sua história, ela não soube fazê-lo pois já foi doutrinada ao silenciamento. Ela não consegue falar pois sabe que não é ouvida pelo marido. O silêncio de Jaqueline nos diz muito sobre como a mulher é tratada, sendo uma denúncia social e um importante passo em busca da autonomia e da própria voz.

Considerações Finais

O escritor de contos tem a responsabilidade de em poucas palavras transmitir sua mensagem ao leitor. Pode-se imaginar que para uma romancista a tarefa de ser sucinta pode não ser tão fácil. Além disso, escritores contemporâneos têm a cobrança, às vezes pessoal, de serem inovadores. Ora, tanto já foi realizado na literatura que transmitir emoção e entusiasmo e manter toda a narrativa em um estado contínuo de clímax para surpreender o leitor pode ser um trabalho árduo.

Todavia, podemos afirmar que Livia Garcia-Roza foi próspera em sua tarefa como escritora. Em um conto bem curto, onde a ausência do narrador surpreende duplamente, a escritora consegue mostrar que há muita história no que não é dito; que o silêncio pode falar mais que muitas palavras. Isto é, Garcia-Roza chama a atenção do leitor com esse texto “sem narrador”, mas, que ao mesmo tempo é extremamente cheio de significado naquilo que não é dito.

Por outra perspectiva, o conto “Miss Jaqueline” é bastante representativo em sua composição. Com diálogos em que predomina a voz masculina, que oprime a mulher e a silencia. Jaqueline é uma mulher totalmente conformada com sua posição subalterna, que vive com um marido que a humilha para se sobrepor. Jaqueline aceita resignada sua posição para proteger a família e porque depende do marido. Quantas mulheres fora da ficção vivem a mesma situação? Quantas vivem o mesmo ciclo que Jaqueline: conformismo com a situação atual; uma tímida tentativa de rebelar-se; e enfim, assumir

que depende do marido e voltar atrás, principalmente pelos filhos. Um ciclo que pode perdurar por toda a vida. Isso quando, não raras as vezes, termina em desastre.

A literatura é uma arte que possibilita pensar na realidade que estamos inseridos. Problematizar situações que precisam ser discutidas. E é isso que esse conto faz. É claro que a obra não tem como oferecer uma solução, mas pode despertar a criticidade do leitor. Com qualidade literária e sem apelação, Garcia-Roza expõe com uma dose de delicadeza, a violência simbólica e o silenciamento que muitas mulheres sofrem. A própria ausência de narrador mostra quão problemática é a posição da mulher do romance e que deve fazer o leitor refletir. É a demonstração de uma voz que já foi calada há tanto tempo que não sabe mais contar a sua própria história. A ausência de narrador, pode ser na verdade, a presença de Jaqueline, que tanto acreditou nas palavras agressivas do seu marido, que não consegue narrar sua vida e dar voz a si mesma.

Referências

- CORTÁZAR, J. Alguns aspectos do conto. In: *Valise de Cronópio*. São Paulo: Perspectiva, 1993.
- COSTA, D. L.; SILVA, O. A. Amor e a solidão da mulher contemporânea sob a perspectiva de Livia Garcia-Roza em *Meus Queridos Estranhos*. In: ENTRELETRAS. Vol. 4, N. 1, p. 79-90, jan.-jul. 2013.
- GARCIA-ROZA, L. Miss Jaqueline. In: __. *Restou o cão*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- LEAL, V. M. V. As escritoras contemporâneas e o Campo Literário Brasileiro: uma relação de gênero. 2008. 249 f. Tese (Literatura e Práticas Sociais) Universidade de Brasília. Brasília, 2008.
- SHOWALTER, E. A crítica feminista no território selvagem. Tradução Deise Amaral. In: HOLLANDA, H. B. (org.). *Tendências e Impasses: O feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- SPIVAK, G. C. *Pode o subalterno falar?* Tradução Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa, André Pereira Feitosa. 2ª reimpressão. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

WOOLF, V. *Um teto todo seu*. Tradução Bia Nunes de Sousa, Glauco Mattoso; São Paulo: Tordesilhas, 2014.